

## **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: AS CARACTERÍSTICAS DE SUA CONSTITUIÇÃO**

### *HISTORY OF EDUCATION IN BRAZIL: THE CHARACTERISTICS OF ITS CONSTITUTION*

*Guilherme Herreira Alves<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Apresentam-se resultados parciais de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) – campus de Marília, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, vinculada à linha “Filosofia e História da Educação”, em nível de mestrado. Visando contribuir para a compreensão do processo de consolidação das pesquisas em História da Educação no Brasil, sem fazer uma cronologia, enfoca-se em apresentar as principais características históricas que estimularam e permitiram que as pesquisas dedicadas à temática ganhassem espaço nos meios científicos nacionais. Por meio de uma abordagem histórica, centrada em pesquisa documental e bibliográfica, a análise preliminar possibilita constatar o processo de constituição do campo da História da Educação no Brasil, tomada inicialmente como uma disciplina e, após um longo período, consolidando-se enquanto campo de pesquisa vinculado ao desenvolvimento da universidade brasileira e Programas de Pós-Graduação e, ao mesmo tempo, fortalecido pelas diversas iniciativas de entidades e associações, grupos de pesquisa e pesquisadores brasileiros que contribuíram para configurar esse campo de ensino e pesquisa.

**Palavras-Chave:** História da Educação. Pesquisa. Institucionalização

**ABSTRACT:** Partial results of research developed in the Graduate Program in Education of the Faculty of Philosophy and Sciences (FFC) - Marília campus, of the Universidade Estadual Paulista - UNESP, linked to the line “Philosophy and History of Education”, at the master’s degree. Aiming to contribute to the understanding of the process of consolidation of research in the History of Education in Brazil, without making a chronology, it focuses on presenting the main historical characteristics that stimulated and allowed research dedicated to the theme to gain space in national scientific circles. Through a historical approach, centered on documentary and bibliographic research, the preliminary analysis makes it possible to verify the process of constitution of the field of History of Education in Brazil, initially taken as a discipline and, after a long period, consolidating itself as a field of research linked to the development of the Brazilian university and

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, *campus* de Marília com bolsa CNPq; e Graduado em Pedagogia (2022) pela mesma faculdade. Licenciado em Filosofia (2016) pela FAJOPA- Faculdade João Paulo II.

Graduate Programs and, at the same time, strengthened by the various initiatives of entities and associations, research groups and Brazilian researchers that contributed to configure this field of teaching and research.

**Key words:** History of Education. Search. institutionalization

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A formação histórica do campo das pesquisas em História da Educação no Brasil constituiu-se por meio de notáveis transformações desde o seu contexto como disciplina até o momento em que o campo de pesquisa se organizou em termos institucionais, conquistando maior visibilidade. Esse processo esteve vinculado ao desenvolvimento das universidades brasileiras e Programas de Pós-Graduação, além disso, a criação de entidades e associações, grupos de pesquisa e pesquisadores brasileiros que estimularam as pesquisas historiográficas na área da educação no Brasil. Desenvolver pesquisa histórica, significa

[...] recuperar a totalidade, é fazer com que o objeto apareça no emaranhado de suas mediações e contradições; é recuperar como este objeto foi constituído, tentando reconstituir sua razão de ser ou aparecer a nós segundo seu movimento de constituição, do qual fazem parte o pesquisador e sua experiência social, em vez de determiná-lo em classificações e compartimentos fragmentados (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1991, p. 10-11).

Le Goff (2003) considera que o documento “[...] será fundamentado no fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica” (LE GOFF, 2003, p. 526), e cabe ao historiador “[...] em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm (LE GOFF, 2003, p. 536). Assim, “[e]studar o passado é uma ação que não pode ser realizada diretamente, mas somente de forma mediada por meio de vestígios da atividade humana, ao que é atribuído o nome de fontes de informação históricas.” (ZAHLOUTH; PAIVA, 2012, p. 45). Em vista disso, a produção do conhecimento histórico

[...] é capaz de aprender e incorporar essa experiência vivida, fazer retornar homens e mulheres não como sujeitos passivos e individualizados, mas como pessoas que vivem situações e relações sociais determinadas com necessidade e interesse e com antagonismo. (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1991, p. 17-18).

Especificamente em relação à pesquisa histórica em educação, se caracteriza, por ser “[...] um tipo de pesquisa científica, cuja especificidade consiste, do ponto de vista teórico-metodológico, na abordagem histórica – no tempo – do fenômeno educativo em suas diferentes facetas.” (MORTATTI, 1999, p. 73). Todos os avanços possibilitaram considerar que as pesquisas

históricas em educação conquistaram seu espaço no campo acadêmico científico e, sem sombra de dúvida, é fundamental conhecer esse trajetória, assim esse artigo tem como objetivo contribuir para a compreensão do processo de consolidação das pesquisas em História da Educação no Brasil, sem fazer uma cronologia, enfoca-se em apresentar as principais características históricas que estimularam e permitiram que as pesquisas dedicadas à temática ganhassem espaço nos meios científicos nacionais.

## DESENVOLVIMENTO

Desde a segunda metade do século XIX, é possível encontrar uma produção de conhecimento que favoreceu o início de uma tradição historiográfica sobre a educação brasileira; entretanto, o que se compreendia como História da Educação ainda estava vinculado à história geral. Para Vidal e Faria Filho (2003), essa tradição historiográfica tem início com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)<sup>2</sup>, em 1839, quando foi possível identificar as primeiras iniciativas de uma tradição historiográfica em educação que viriam a contribuir com a elaboração desse campo no Brasil. O IHGB teve como objetivos iniciais “[...] coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários para a história e a geografia do Império, respeitando uma postura positivista de escrita da história” (VIDAL; FARIA FILHO, 2003, p. 41). Como resultado, os sócios do IHGB contribuíram significativamente com as produções acadêmico-científicas vinculadas à temática de ensino e educação em pesquisas historiográficas.

Dentre pesquisadores e obras dessa época, destacam-se: Fernando de Azevedo, autor de *A cultura brasileira*, de 1943; Frederico José de Santa-Anna Nery, com destaque para *L’instruction publique au Brésil*, de 1884; Júlio Afrânio Peixoto e sua obra *Noções de história da educação*, de 1933; José Ricardo Pires de Almeida, escritor de *L’Instruction publique au Brésil: histoire et legislation (1500-1889)*, de 1889; e Primitivo Moacyr, com destaque para *A instrução e o Império: subsídios para a história da educação no Brasil, 1823-1853*, publicado em três volumes em 1936, 1937 e 1938<sup>3</sup>.

---

2 Segundo informações retiradas do *site* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), “[...] [c]irculando regularmente desde 1839, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro é uma das mais longevas publicações especializadas do mundo ocidental. Destina-se a divulgar a produção do corpo social do Instituto, bem como contribuições de historiadores, geógrafos, antropólogos, sociólogos, arquitetos, etnólogos, arqueólogos, museólogos e documentalistas de um modo geral. Possui periodicidade trimestral, sendo o último número de cada ano reservado ao registro da vida acadêmica do IHGB e demais atividades institucionais.” (IHGB, 2022, s/p). Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb.html>.

3 Sintetizo neste texto os principais autores e suas obras de maior destaque; todavia, não há dúvida de que as suas demais publicações contribuíram para entendimento e aproximações da produção em história da educação em nosso país.

Já entre os anos 1920 e 1950, aconteceram no Brasil diversos eventos que favoreceram o fortalecimento das pesquisas que se propunham a estudar a História da Educação brasileira, tais como “[...] a consolidação do Estado nacional, a voga ascendente dos estudos brasileiros, a estruturação e expansão da educação nacional e a centralidade do tema da educação nacional no imaginário político-social” (MONARCHA, 2007, p. 57). Especialmente, a partir do final da década de 1920, quando as disciplinas de História da Educação Geral e do Brasil passaram a se tornar obrigatórias nos cursos de formação das escolas normais e, a partir da década de 1930, nos cursos universitários.

Entretanto, apesar da incorporação dessas disciplinas nos currículos dos cursos Normais e de Pedagogia, elas possuíam apenas um caráter de “[...] disciplinas formadoras, isto é, ambas deveriam tratar do dever ser educacional, dos valores humanos mais elevados, conhecimentos imprescindíveis aos futuros professores.” (BUFFA, 2015, p. 04). Essas disciplinas foram influenciadas pelo pragmatismo e justificavam-se em uma “[...] relação mecânica e direta que se costuma estabelecer entre o passado, presente e o futuro. (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 26). Para Carvalho (1998), assim que a História da Educação foi instituída como disciplina nos cursos de formação escolar, é possível considerar que o

[...] atrelamento originário da disciplina a objetivos institucionais de formação de professores e pedagogos dificultou, até muito recentemente, a sua constituição como área de investigação historiográfica capaz de autodelimitar e de definir, com base em sua própria prática, questões e temas e objetos. Isso tornou a disciplina frágil diante das demandas postas a partir de outros campos de investigação sobre educação que hegemonizaram a produção da pesquisa [...]. (CARVALHO, 1998, p. 330).

Para a concretização dessas reformas, principalmente as que se relacionavam com a instituição dos conteúdos de história da educação geral e do Brasil, intensificou-se a produção dos primeiros manuais destinados à História da Educação<sup>4</sup>, que se propunham a apresentar a evolução da educação nos sistemas de educacionais dos Estados nacionais e europeus, “[...] reservando-se para o “caso brasileiro” um apêndice ilustrativo, no qual se sobrelevar os fatos que concernem à “reconstrução educacional”, ou seja, ao chamado “movimento da Escola Nova.” (MONARCHA, 2007, 54-55). Monarcha (2007) destaca também a contribuição do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), criado em 1938 e que, entre seus objetivos, buscou estabelecer uma bibliografia e eleger fontes históricas para o estudo da educação.

4 Para Monarcha destaca-se, “[...] por exemplo, Noções de História da Educação, de Afrânio Peixoto, História da Educação: evolução do pensamento educacional, de Raul Briquet, Pequena história da educação, de Francisca Peeters e Maria Augusta de Cooman; e Lições de história da educação: rigorosamente de acordo com programa das escolas normais, de Teobaldo Miranda Santos.” (MONARCHA, 2007, 54-55).

No decreto-lei de criação do INEP, assinado por Getúlio Vargas e Gustavo Capanema, competia a esse órgão federal, entre outros objetivos: “Organizar documentação relativa à história e ao estudo atual das doutrinas e das técnicas pedagógicas, bem como das diferentes espécies de instituições educativas”, propondo planos de “levantamento da bibliografia Pedagógica Brasileira, desde os tempos coloniais”; e de “sistematização da documentação pedagógica do país, nos seus diferentes aspectos de legislação, federal e estadual, movimento escolar e fatos dignos de aí figurarem como subsídios para a história da educação”. (MONARCHA, 2007, 54-55).

Lopes e Galvão (2001) ressaltam que apenas em 1960 e 1970 a História da Educação inicia sua articulação para sua constituição enquanto campo de conhecimento<sup>5</sup>. Nessas décadas, os estudos em História da Educação obtiveram crescente ampliação, principalmente com o surgimento dos Programas de Pós-Graduação em Educação no país: os primeiros foram o da PUC-Rio, em 1965, e da PUC-SP, em 1969. Esses espaços passaram a se constituir como lugares de “[...] prestígio acadêmico-científicos tanto pesquisa em história da educação quanto pesquisas com abordagem histórica, desenvolvidas em outros campos e especialidades da área de Educação e que enfocam temas e objetos a ela correlatos.” (MORTATTI, 2012, p. 01).

A partir de 1970, iniciou no curso de Pedagogia uma disciplina específica que tratava da história da educação brasileira (LOPES; GALVÃO, 2001), provocando condições para com que as pesquisas em História da Educação se tornassem mais comuns entre pesquisadores brasileiros. Durante seu desenvolvimento, a disciplina de História da Educação esteve associada à Filosofia da Educação, associação evidenciada até hoje nos cursos de Graduação e de Pós-Graduação e acarretou com que as pesquisas desenvolvidas favorecessem, sobretudo, “[...] a história das ideias pedagógicas e a fonte privilegiada para esse tipo de investigação fosse obra de grandes pensadores. (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 28). Conforme Aranha (2006), sobre esse momento é possível considerar que

[d]urante muito tempo, porém, a disciplina de história da educação esteve ligada à filosofia da educação nos cursos de nível secundário e superior (magistério e pedagogia), sem merecer a autonomia e o estatuto de ciência já conferidos a disciplina como psicologia, sociologia e biologia. Além disso, sofria frequentemente o viés pragmático que enfatizava a missão de interpretar o passado para construir o futuro, com forte caráter doutrinário moral e

---

<sup>5</sup> Dessa forma, um campo se configura enquanto tal por aproximações teórico-metodológicas pela ênfase em alguns aspectos e pelas marcas discursivas em comum. Penetrar esse campo é movimentar-se por vários pontos de entrada, o que depende do modo como o pesquisador coloca em articulação outros pontos possíveis de se-rem indagados a partir do seu objeto de investigação, criando a imagem de uma rede em que fios se cruzam, se rompem, se unem, são rejeitados (temporariamente), uns sendo valorizados em detrimento de outros; fios que produzem combinações inúmeras e provisórias, o que dá a esse campo contornos imprecisos do ponto de vista teórico-metodológico, das temáticas de interesse e das fontes, e permite sua interrogação pelos pesquisadores situados e comprometidos com grupos de pesquisas também distintos. (FERREIRA; SILVA, 2012, p. 135)

religioso, uma vez que a disciplina ficava a cargo de padres, seminaristas e cristão em geral. (ARANHA, 2006, p. 25).

O adentrar da História da Educação aos cursos de pedagogia também provocou “[...] uma tendência em explicar os fenômenos educativos do passado em si mesmo, sem relação com outros aspectos das sociedades característicos da mesma época.” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 31). Uma outra consequência foi a abrangência de pesquisadores de formações diversificadas “[...] que, movidos por uma curiosidade ou por um espanto que o presente educacional lhe provoca, busca a pesquisa em História da Educação parte das respostas para suas inquietações.” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 31).

Outra característica é a pluralidade na formação dos pesquisadores em História da Educação, produzindo com que houvesse cada vez mais uma “[...] heterogeneidade na produção da área, tanto do ponto de vista dos aportes teóricos e metodológicos que baseiam as investigações, quanto os temas tratados.” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 31). Deste modo, para formação de um “[...] historiador competente, é preciso que o pesquisador tenha uma formação rigorosa e específica, o que supõe, entre outras imposições, um mergulho no que é próprio ao campo do outro.” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 31). Assim, o historiador em educação deve conhecer seus objetos de investigação e os aportes teóricos e metodológicos que configuram esse campo e que baseiam as investigações.

Na segunda metade do século XIX e, a partir dos meados dos anos de 1980 no Brasil, houve uma crítica contra os pressupostos da história tradicional positivista, provocando uma renovação nos estudos historiográficos. A historiografia tradicional, com influência do positivismo, compreendia apenas os documentos oficiais como portadores da verdade irrefutável, priorizando os grandes momentos e personagens da história. Similarmente, a pesquisa em História da Educação também recebeu influência do positivismo no século XX, considerando também apenas as fontes oficiais escritas para produção de uma História da Educação, sendo elas

[l]egislação e atos do poder executivo, discussão parlamentares, atas, relatórios escritos por autoridades (presidentes de província, inspetores escolares etc.), regulamentos, programas de ensino e estatísticas. Além dessas fontes, tinham muita importância as próprias obras que os educadores ou pensadores mais eminentes de cada época haviam escrito. Elas constituíam, nesses trabalhos, a matéria-prima do trabalho do historiador. (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 80).

Entretanto, as pesquisas em História da Educação, influenciadas por essa nova tendência historiográfica contemporânea, também passaram por um processo de diversificação e renovação de suas referências historiográficas, concepções teóricas-metodológicas e na ampliação de novos objetos e fontes.

Lopes e Galvão (2001) consideram que essa renovação no campo da História da Educação deve-se, principalmente, pela influência dos marxismos e da Nova História.

No Brasil, a influência marxista na História da Educação se destacou, principalmente, pelos estudos e produção de Althusser e Gramsci no final da década de 1970 e nos anos de 1980. Conforme Lopes e Galvão (2001), essa abordagem considerava que a análise histórica do fenômeno educativo só poderia ser feita a partir das relações de classes, considerando os grupos sociais como partes essenciais para o entendimento dos problemas de pesquisa, visando à busca de uma práxis revolucionária. Dessa forma, almejava entender “[...] a educação, considerada um fenômeno superestrutural, no interior das condições econômicas das diferentes sociedades.” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 36).

A influência do marxismo e suas contribuições diretas na renovação dos métodos históricos para as pesquisas aconteceram tanto no “[...] âmbito de suas hipóteses gerais e cujo esforços principais tem por objetivo um problema dado: a articulação entre a História e determinada ciência humana, ou a abertura de novos campos históricos.” (BOIS, 2005, p. 331). Assim, esse fenômeno na historiografia provocou nos pesquisadores uma nova concepção de como se compreender a história, em que essa tornou a investigação mais complexa e, principalmente, “[...] atenta às genealogias profundas dos vários fenômenos (sobretudo econômicos-sociais), jogada através do entrelaçamento de muitos saberes e pronta a colher conflitos e contradições, hegemonia e oposições.” (CAMBI, 1999, p. 25).

A Nova História possibilitou novos problemas de pesquisa no interior da História da Educação, em que essa revolução provocada no campo da História e possibilitou, posteriormente “[...] alargar os objetos, as fontes e abordagens utilizadas tradicionalmente na pesquisa historiográfica, aos poucos influenciou os historiadores da educação” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 39). Essa nova corrente proporcionou uma nova perspectiva sobre os objetos de investigação, ultrapassando o tratamento historiográfico tradicional que se limitava às perspectivas econômicas, políticas ou demográficas no processo de escrita da história.

Na História da Educação, essas tendências historiográficas provocaram também uma verdadeira revolução na seleção dos objetos de pesquisa e na forma de abordá-los. Temas como cultura e o cotidiano escolares, a organização e o funcionamento interno das escolas, a organização e o funcionamento interno das escolas, a construção do conhecimento escolar, o currículo e as disciplinas, os agentes educacionais (professores, professoras, mas também os alunos e alunas), a imprensa pedagógica, os livros didáticos etc. têm sido crescentemente estudo valorizados. (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 40).



A constituição dessa Nova História esteve intimamente ligada com a Escola dos Annales, que surgiu com a publicação da revista científica *Anais de História Econômica e Social* por Marc Bloch Lucien Febvre, na França em 1929. Apesar de ter reconhecido todo conhecimento produzido por outras correntes historiográficas até o momento, seus precursores fundaram a revista de Annales com “[...] o explícito objetivo de fazer dela um instrumento de enriquecimento da história, por sua aproximação com as ciências vizinhas e pelo incentivo à inovação temática.” (BURKE, 2010, p. 08).

A Escola dos Annales propôs uma perspectiva de história mais ampla e a possibilidade de novas fontes, deixando de considerar apenas os grandes nomes e os grandes acontecimentos como marcos para a escrita da história. Assim, passou a considerar a história em todas as atividades humanas e em todos os aspectos do cotidiano para a constituição de uma narrativa elaborada a partir de uma história-problema<sup>6</sup> (BURKE, 2010). Visando essa nova perspectiva, começou a entender a história como um campo aberto para novas análises e novas possibilidades; por isso, considerou a importância da interdisciplinaridade e da colaboração com as demais ciências para sua escrita.

A Escola dos Annales marcou outras gerações de historiadores que também contribuíram com a reflexão sobre os avanços da historiografia e que marcaram as concepções dessa Nova História, passando por Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie, entre outros. Pode-se afirmar que a maior contribuição desse movimento foi a expansão do campo da história por diversas áreas, abrangendo sua constituição em novas perspectivas e para campos mais diversos e em áreas inesperadas do comportamento humano e de grupos sociais.

A partir dessas renovações no campo historiográfico, na metade do século XIX os “[...] historiadores começam a se interessar por uma história sistemática e exclusiva da educação, antes apenas um apêndice da história geral.” (ARANHA, 2006, p. 24). Essa nova perspectiva também afetou a historiografia da educação, ampliando as possibilidades com que os historiadores passaram a pesquisar a História da Educação, propondo novos tipos de perguntas, escolhendo novos objetos de pesquisa e utilizando novas fontes históricas.

As novas fontes históricas se tornam mediadoras para a produção do conhecimento histórico educacional, permitindo que o historiador se orientasse na busca de compreender o fenômeno desejado, já que “[...] a história é sempre ambivalente: o lugar que ela destina ao passado é igualmente um modo de dar lugar a um futuro.” (CERTEAU, 1994, p. 93). A partir daí, as fontes históricas passam a ser testemunhos que auxiliam o pesquisador a compreender determinados

<sup>6</sup> Para Burker, o termo história-problema pode ser compreendida como “[...] uma história orientada por problemas, um *slogan* de Lucien Febvre, que pensava que toda História deveria tomar essa forma” (BURKE, 2010, p. 147).



fenômenos históricos para produção de uma narrativa que terá como resultado as suas análises obtidas de suas fontes.

Ao abranger os novos objetos, procedimento e abordagens de pesquisas que vinham sendo propagadas pelas novas correntes historiográficas nacionais e internacionais em relação às novas fontes, métodos e práticas, as pesquisas em educação passaram a desenvolver uma produção acadêmico-científica com maior abrangência e complexidade no processo investigativo da história. Essas novas possibilidades trouxeram para os pesquisadores da educação “[...] outras possibilidades para além da narrativa linear dos acontecimentos e optou por uma história-problema que se atentasse para todas as atividades humanas [...]” (IVASHITA, 2014, p. 04).

Desta forma, as pesquisas históricas em educação no Brasil foram conquistando maior visibilidade, propiciando não somente uma análise dos fatos históricos, mas, também, contribuindo para o entendimento sobre os diferentes aspectos educacionais pelo viés histórico. A busca por novas formas de escrita da história proporcionou “[...] simultaneamente como fonte primária para compreensão do passado e pressupostos para explicação dos problemas do presente, assim justificando e realimentando a elaboração de novas ‘propostas de intervenção’”. (MORTATTI, 2012, p. 71). Essa procura passou a priorizar temas ainda não explorados que “[...] foram gradativamente despertando interesses dos pesquisadores, que passaram a acolher novos temas, novos objetos e novos métodos de investigação, em decorrência da circulação das novas tendências historiográficas.” (MORTATTI, 2012, p. 72).

Esse novo olhar para o modo de desenvolver pesquisas científicas historiográfica, promoveu

“[...] múltiplas metodologias, diferenciadas por objetos, por seus processos cognitivos, por instrumentos lógicos, de modo a fazer ressaltar o pluralismo das abordagens e sua especificidade. Neste sentido, as fontes contribuem para reconstrução da história da educação, pois através da análise dessas fontes, o historiador fornece respostas para a compreensão dos fatos analisados. Cabe ao historiador a interpretação das fontes e as teorias assumidas, pois esses são momento cruciais no desenvolvimento da pesquisa, pois. [...] os documentos, como alguns já disseram, não falam por si, os historiadores obrigam que eles falem, inclusive de seus próprios silêncios.” (DECCA; SAVIANI; LOMBARDI, 2006, p. 23).

Paulatinamente, os estudos sobre História da Educação, estimulados pelas Universidades e Programas de Pós-Graduação, foram ganhando espaços e provocando a formação das primeiras entidades e associações, grupos de pesquisa e eventos científicos nacionais que abordaram a temática. Desta forma, esse estímulo passou a promover um maior estudo sobre a historiografia educacional no Brasil e na elaboração de trabalhos sobre História da Educação, fazendo com que

o campo ganhasse mais autonomia. Entre os principais marcos que contribuíram para a consolidação das pesquisas em História da Educação, é possível destacá-los abaixo.

Em 1978, foi fundada a Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPEd) com a finalidade de “[...] conglobar programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, no intuito de desenvolver o ensino e pesquisa, assim como, promover encontros para discussão e disseminação do conhecimento.” (ANPEd, 20XX). A ANPEd desempenhou um papel importante na junção de diversos pesquisadores e Programas de Pós-Graduação, tornando-se um espaço de discussão e promovendo o debate teórico-metodológico sobre as diversas temáticas em pesquisa sobre a Educação no Brasil.

No âmbito da discussão em torno da sistematização e problematização da produção acadêmica sobre o campo científico histórico e educacional, em 1984 foi criado na ANPEd o Grupo de Trabalho (GT) de História da Educação<sup>7</sup>, com propósito de proporcionar “[...] alicerces teórico-metodológicos que distanciasse nossa área de estudos das grandes interpretativas alinhavadas no âmbito do ensino da disciplina História da Educação.” (ALVES, p. 69). Os fins que motivaram a criação deste GT proporcionaram esforços entre os pesquisadores para o entendimento da escrita sobre História da Educação consolidada nos estudos historiográficos e, principalmente, na discussão sobre a utilização de novas fontes para a produção acadêmico-científico e para os novos rumos para a História da Educação brasileira. Desse modo, esse GT propiciou uma grande contribuição para o delineamento da História da Educação, em que

[...] percebe-se que este se propõe a problematizar e discutir como as pesquisas da área estão sendo traçadas em âmbito nacional, no intuito de que a História da Educação se firme cada vez mais como um campo científico educacional e historiográfico pertinente frente ao entendimento das diferentes temáticas e problemas que a educação enfrentou e ainda enfrenta no Brasil. (MARTIN; PFISTER; BOLLIS, 2018, p. 128).

Nesse período, o professor Dermeval Saviani, ao iniciar as atividades docentes no Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP em 1980, conciliando as pesquisas que desenvolvia quanto à necessidade de orientação acadêmica, criou, em 1986, e institucionalizou, em 1991, o Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR), sediado na mesma instituição. Com a proposta de investigar a História da Educação tendo como fonte o marxismo, o HISTEDBR passa a ser uma referência nacional e internacional para os estudos marxistas em

<sup>7</sup> Os Grupos de Trabalho (GTs) da ANPEd são instâncias de agregação e socialização de conhecimento e pesquisas, em que cada GT tem sua própria história e dinâmica. O GT História da Educação teve sua proposta apresentada pelo Prof. Luiz Antônio Cunha, na Assembleia da 7a. Reunião Anual. (Cf. Boletim ANPEd, v. 8, n. 1, jan.mar. 1986, p. 18)

educação, articulando pesquisadores e possibilitando a interlocução com a área da história da educação. Dermeval Saviani relembra as motivações e as características teóricas adotadas no momento da criação do HISTEDBR:

Buscava-se, por esse caminho, superar a visão tradicional da história da educação centrada nas idéias e instituições pedagógicas. Ficava indicado, pois, que o enfoque considerado mais adequado para dar conta dessa perspectiva de análise se situava no âmbito do materialismo histórico, quer dizer, a concepção dialética tal como delineada pelas investigações levadas a efeito por Marx as quais tiveram continuidade na obra de seus seguidores com destaque para Engels, Lênin, Lukács e Gramsci. Isso, obviamente, sem desconhecer a possibilidade e eventuais contribuições de outras formas de investigação histórico-educativa. (SAVIANI; LOMBARDI, 2001 p. 1)

O HISTEDBR, segundo Dermeval Saviani (2001), teve como foco investigar a História da Educação pela medição da Sociedade, possuindo como eixo temático a História, Sociedade e Educação, considerando que a educação está intrinsecamente articulada com a sociedade, e em que “[...] a educação que, por sua vez, não é tomada como uma mera abstração, mas enquanto parte de uma totalidade social, geográfica e temporalmente determinada.” (LOMBARDI, 2006). Sua contribuição ao longo de três décadas tem estimulado a criação de núcleos de pesquisas em torno de todo país, a produção e publicação acadêmico-científica, tanto em âmbito nacional quanto internacional, e o desenvolvimento de eventos científicos.

Em decorrência das urgências sobre a formação do campo da História da Educação no Brasil e visando a necessidade da organização entre os pesquisadores e a constituição dos primeiros grupos de pesquisa, foi criada, em 1999, a Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), o que possibilitou a interlocução entre pesquisadores do país e a institucionalização do campo. A SBHE propôs, entre seus objetivos, reunir os pesquisadores em História da Educação, fomentando produções acadêmico-científicas e promovendo diferentes formas de divulgação através de eventos, seminários, cursos, entre outros.

Um aspecto determinante para fundação da SBHE foi o surgimento dos Congressos Ibero-Americanos de História da Educação Latino-Americana, pois devido ao “[...] intercâmbio internacional, em especial com os países ibero-americanos, foi objetivando-se a necessidade de criação de uma entidade que articulasse nacionalmente a área e a representasse nos foros internacionais.” (SAVIANI et al, 2011, p. 25). Assim diante da necessidade de uma entidade que representasse os historiadores brasileiros da educação a criação da SBHE significou um fortalecimento do campo e “[...] um espaço defeso dos interesses da comunidade brasileira de historiadores da educação e da pesquisa acadêmica junto a agências de fomento e órgãos governamentais.” (SAVIANI et al, 2011, p.43).

Deste modo, essas iniciativas permitiram que a História da Educação adquirisse autonomia e espaço enquanto campo do conhecimento, se constituindo enquanto campo de estudos e de pesquisas. Assim, os historiadores em educação buscam reafirmar com suas pesquisas “[...] a identificação com procedimentos próprios ao fazer historiográfico, o que, sem dúvida, vem se afirmando como diferença à prática enraizada nas Escolas Normais e às preocupações forjadas na aproximação com a Filosofia [...]” (VIDAL; FARIA FILHO, 2003, p. 60).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de constituição do campo de História da Educação no Brasil, tomada inicialmente como uma disciplina e, após um longo período, se consolidando enquanto campo de pesquisa, foi vinculado ao desenvolvimento da universidade brasileira e os Programas de Pós-Graduação e, ao mesmo tempo, fortalecido pelas diversas iniciativas de entidades e associações, grupos de pesquisa e pesquisadores brasileiros que contribuíram de modo significativo para esse processo. Essa organização do conhecimento fez com que as pesquisas em História da Educação encontrassem ampla difusão nos meios acadêmicos e uma crescente divulgação de conhecimentos científicos por meio de publicações e debates em eventos relacionados à História da Educação.

Paralelamente, esse percurso não diminui os desafios contemporâneos das questões que envolvem as pesquisas histórico-educacionais; todavia, o exponencial crescimento do número de pesquisadores demonstra que, além do interesse, a temática tem ganhado cada vez mais notoriedade junto à comunidade científica. Por fim, é importante destacar que o historiador em educação deve buscar uma escrita da história que tenha como objeto os processos educativos ao eleger os critérios específicos para selecionar suas fontes históricas, procurando entender os fenômenos por meio do diálogo entre o passado e presente.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Claudia. O HISTEDBR e a historiografia da educação no Brasil: contribuições para a compreensão do Estado. In: COUTINHO, Luciana Cristina Salvatti *et al.* (org.). *História e historiografia da educação: debates e contribuições*. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. *História da educação e da pedagogia: geral e Brasil*. 3. ed., rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO ANPEd. *Sobre a ANPEd*. 20XX. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sobre-anped>. Acesso em: 27 jun. 2022.

BOIS, Guy. A influência do Marxismo sobre a renovação metodológica. In: LE GOFF. Jaques. *A História Nova*. Tradução Eduardo Brandão. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BUFFA, Ester. *Os 30 Anos do GT História da Educação: sua contribuição para a constituição do campo*. 2015. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-de-ester-buffa-para-o-gt02.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A configuração da historiografia educacional brasileira. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. Bragança Paulista: EDUSF; São Paulo: Contexto, 1998.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DECCA, Edgar; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Coutinho *História e História da Educação*. Campinas: Autores Associados, 2006.

IVASHITA, Simone Burioli. *Fontes para a história da educação: a importância dos arquivos*. In: ANPEd SUL, 10., 2014, Florianópolis. *Anais [...]* Florianópolis: ANPEd, 2014.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LOMBARDI, José Claudinei. *Registrando trajetória: Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"* (HISTEDBR). 2006. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/apresentacao/8473>. Acesso em: 27 jun. 2022.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MONARCHA, Carlos. *História da Educação (Brasileira): Formação do Campo, Tendências e Vertentes Investigativas*. *História da Educação*, Pelotas, n. 21, p. 51-77, jan/abr 2000.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo (org.). *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, Marília-SP: Oficina Universitária, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da Educação*. Pelotas, v. 6, p. 69-77, out.1999.

SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei. 15 anos do HISTEDBR: histórico e situação atual. *Revista HISTEDBR On-line*, n. 4, out. 2001.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 37-70, jul. 2003.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosario Cunhas; KHOURY, Yara Maria Aun. *A Pesquisa em história*. São Paulo, Ática, 2002.

ZAHLOUTH, Ingrid Maria Luz Vergolino; PAIVA, Rodrigo Oliveira de. Vestígios Arqueológicos como Fontes de Informação: segredos do passado transcritos em suportes primitivos. *Biblionline*, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 37-48, 2012.

